

A Construção de Competências em Educação Médica

JOÃO GOMES-PEDRO

Resumo

O A. reflecte sobre a missão e a responsabilidade do Professor de Medicina bem como sobre as estratégias para operar a construção de competências em Educação Médica.

Para o A. é condição determinante de sucesso em Educação Médica a operacionalização de modelos de formação contínua para os docentes das Faculdades de Medicina.

Por último, o A. faz referência às estratégias seguidas na F.M.L. nos último dez anos, que culminaram na montagem do primeiro Mestrado de Educação Médica, em Portugal.

Palavras-chave: Formação; Professores; Medicina; Competências; Educação Médica.

Abstract

The A. reflects on the mission and responsibility of the Medical Teacher as well as on the strategies to obtain competence in Medical Education.

For the A., operational models of permanent training of teachers of Medical Schools are a condition for the success of Medical Education.

Finally, the A. mentions the strategies used by the Faculty of Medicine of Lisbon in the last ten years, which culminated in the creation of the first Masters' Degree in Medical Education in Portugal.

Key-words: Training; Teachers; Medicine; Competence; Medical Education.

«És ainda mais maravilhoso do que Mársias!

Este encantava os homens com os efeitos que a sua boca tirava das flautas e encantava-os também sempre que se tocavam as suas melodias, tal como acontecia com Olimpo...

A única diferença consiste em que tu consegues, tanto como ele, sem necessidade de flautas, usando simples palavras!

Quando se ouvem as lições dos outros, mesmo que se trate de Mestre consumado, ninguém lhes presta atenção mas, quando vos ouvimos ou quando alguém narra as tuas lições, por medíocre que seja o narrador, todos somos tomados de interesse e arrebatados!»

Acabei de citar parte do elogio de Sócrates da autoria de Platão extraído do «Simpósio» ou «Banquete» ⁽¹⁾.

Todos nós recordamos aqueles, infelizmente poucos, nossos Mestres que, sem flautas, porventura sem slides e sem vídeos nos arrebataram, nos motivaram e nos levaram a procurar saber mais.

Dez, vinte, trinta ou mais anos depois, revisitamos as suas aulas e reconhecemos hoje que o segredo do brilho significa arte e génio que sabemos também serem a excepção quando colocada alta a fasquia no firmamento das Letras, das Ciências, das Artes ou das Políticas.

A Educação das diversas populações, porém, qualquer que seja a sua fase, não pode estar sujeita ao acaso do aparecimento de génios.

É neste sentido que Irving Cutter ⁽²⁾, em 1930, escrevia assim, ao assumir a Direcção da Faculdade de Medicina de Northwestern: «Em qualquer Faculdade, só 5% dos Professores terá, provavelmente, capacidade natural para ensinar. Uma grande percentagem poderá, todavia, tornar-se um grupo de excelentes profissionais, mediante a aplicação de meia dúzia de princípios elementares da Pedagogia».

A aquisição progressiva do reconhecimento dos direitos a par da evolução social e profissional tem sido motor de reforma em todas as sociedades e, por acréscimo, da Escola, como sua expressão mais significativa.

O progresso hoje identificado como desenvolvimento nas múltiplas dimensões que a vida intelectual incarna, criou necessidades crescentes de renovação que a Pedagogia adoptou como paradigma dos seus objectivos pragmáticos.

Nesta renovação, a figura do Professor surge como elemento referenciador e agente de qualidade da reforma, entendida Educação como seu substracto.

Os conceitos de inovação pedagógica e de formação de profissionais surgem do reconhecimento de que o progresso no sistema educativo tem que ser, primordialmente, operado a partir de estratégias científicas dirigidas especificamente para o Professor ⁽³⁾.

Neste contexto, o papel do professor na Educação passa a ser um bem cultural merecedor de uma atenção e de um protagonismo que a cultura clássica ignorava por ser evidência não requerente de qualquer intervenção específica.

Ensinar o que quer que seja só faz sentido na medida em que é aceite valer a pena aprendê-lo.

Passará então a ser bem cultural, assimilado pela Escola nos seus programas e exigido pelos protagonistas da Educação como responsabilidade a cumprir-se no seu percurso.

O que distingue o Professor do Mestre? O que distingue o ensinar do instruir? O que transforma o Professor em Educador? O que faz valer o bem cultural da Educação? O que faz a palavra ser a flauta ou mais do que ela, na imagem de Platão?

Reflectir hoje em Educação é, sobretudo, planejar políticas de sucesso e fazer Educação fará, porventura, parte do contexto de projectar centros e outras oportunidades de excelência em termos de espaços, de organizações, de estruturas mas será, também e sobretudo, identificar e projectar essas oportunidades de excelência nas pessoas que incarnam a responsabilidade de fazer sentir o aprender como essência de vida e marca de desenvolvimento, independentemente da idade, da condição, do ambiente ou do destino.

Formar professores será, também, em Educação Médica, o segredo do sucesso.

Será porventura condição preferencial desse sucesso ser ele o objecto da excelência, preferencial e prioritário na sociedade. Educação e Saúde serão essas áreas preferenciais e por isso educar educadores e educar médicos terá de ser prioridade numa política de Educação nas Nações que privilegiam a cultura em função dum ideal de progresso cívico, científico e moral.

Por outro lado, o professor, tal como acentua Richard Duschl ⁽⁴⁾, é inspirador de fazedores de decisão o que é crítico num mundo onde será dominante a Educação científica tal como é previsível no eminente novo século. Não interessa ensinar por ensinar e aprender por aprender porque será cada vez mais crítica a selecção da aprendizagem significativa o que requer, cada vez mais, um ensino científico, à custa de metodologias apropriadas e obviamente científicas.

São estes os objectivos da Educação Médica actual.

Chegamos assim ao primado dos objectivos da Educação Médica na nossa era e nele à função dos Professores que deve inspirar essa Educação Médica.

Não poderá haver reforma, mudança ou, se quiserem, inovação, sem uma política ou um projecto de formação de professores.

António Nóvoa ⁽⁵⁾ formula sete propostas que consideramos fundamentais para um projecto de formação contínua de professores e a uma destas propostas chama de «Formação e Investigação».

Todavia, mais que o número ou o desenho das suas formulações, mais relevante será existir um plano, uma vivência, uma prática, enfim, um cumprimento.

Planeámos a formação de professores na Faculdade de Medicina de Lisboa desde Sesimbra. Delineámos, a partir de Sesimbra o Mestrado em Educação Médica, convictos que estávamos e estamos, no caminho duma estratégia, entre nós, para consubstanciar a mudança ⁽⁶⁾.

Ao planejar e ao tentar cumprir o projecto do DEM (Departamento de Educação Médica) no seu quotidiano, o Mestrado em Educação Médica, continua a ser para nós, (porque o é para a FML), uma prioridade.

Quando um quarto ou, pelo menos, um quinto dos professores efectivos (Catedráticos e Associados) numa Faculdade de Medicina tiverem tido a oportunidade de serem Mestres em Educação Médica, o desafio estará ganho. A formação médica, pelo menos em Lisboa, será então um exercício de competência, exercício na coerência de um projecto cumprido com prazer.

Nessa altura, a evidência da nossa contribuição para o progresso da Nação através da saúde que os nossos novos médicos proporcionarão, será, porventura, a nossa única recompensa. Nessa altura, Sesimbra, o DEM, o Mestrado, serão história, mas o sonho ter-se-á feito obra e o projecto, exemplo.

É esta a nossa Esperança.

É este, cremos, o mistério do progresso, nomeadamente em Educação.

Cada vez mais há menos tocadores de flautas e cada vez menos génios. O nosso desafio, hoje, é o de fazer competências.

BIBLIOGRAFIA

1. Platão. O Simpósio. Guimarães Editores. Lisboa, 1986.
2. Cutter I. The school of Medicine. In: Kent RA, ed. Higher Education in America. Boston: Ginn, 1930.
3. Reboul O. Qu'est-ce qu'apprendre? P.U.F. Paris, 1980.
4. Duschl R. Restructuring Science Education. Teachers College Press. New York, 1990.
5. Nóvoa A. A reforma educativa portuguesa: questões passadas e presentes sobre a formação de professores. Nóvoa A, Popkewitz T. Reformas educativas e formação de professores. Educa. Biblioteca Nacional. Lisboa, 1992.
6. Gomes-Pedro J. Trajectória da Educação Médica na Perspectiva da Formação de Professores. Rev. F.M.L. Jan/An. 96. Série III - Vol. I; N.º 1-2: 26-35.